

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **AS GRANDES CONTAS VÍTREAS MULTICOLORES DO MUSEU DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA.**

SOUSA, J. M. Cordeiro de

Ano: 1955 | Número: 65

---

### **Como citar este documento:**

SOUSA, J. M. Cordeiro de, As Grandes contas vítreas multicolores do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 142-144.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# As grandes contas vítreas multicolores do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA  
da Academia Portuguesa da História

---

Durante os trabalhos de descongestionamento e revisão a que, quando Director, fui encarregado de proceder no antiquado, posto que valioso, Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, surpreendeu-me o encontro, na sua secção indiana, de oito grandes contas de pasta vítrea de forma ovóide e cor azul, tendo nas extremidades uma zona de cor vermelha com a forma de estrela de doze pontas a que se segue outra menor nos polos de cor verde, limitadas estas três cores por um estreito filete branco.

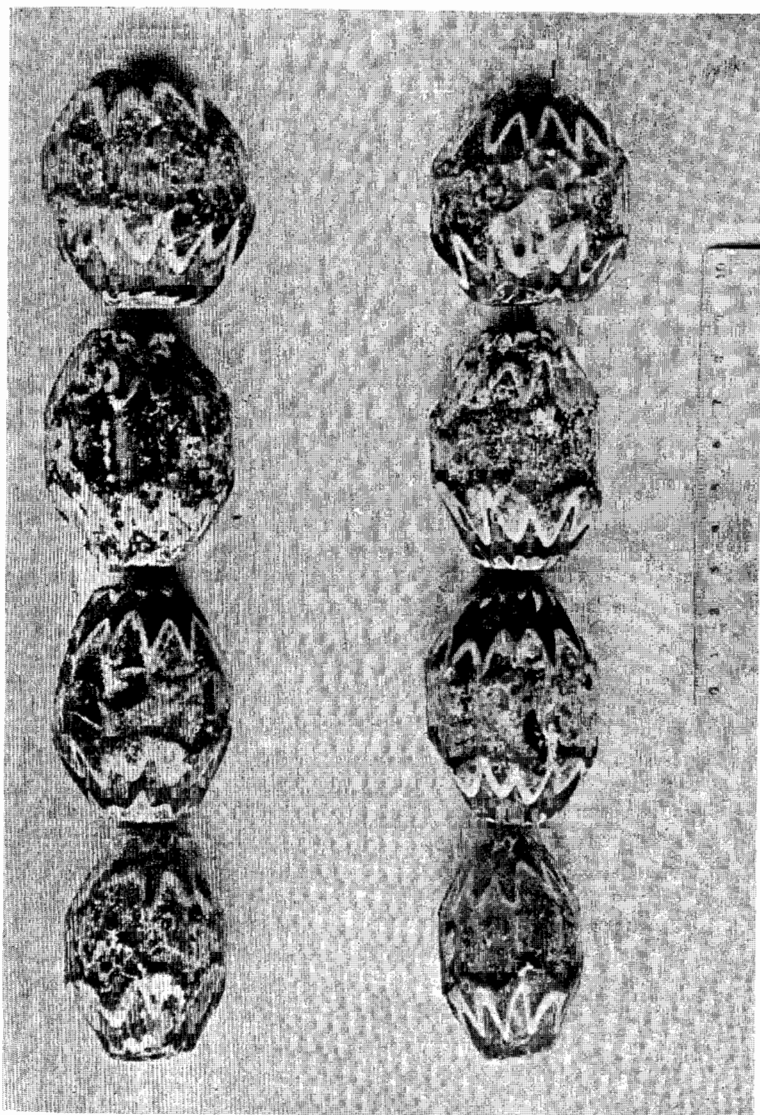
As suas dimensões são, aproximadamente:

$0,046 \times 0,045$ ;  $0,050 \times 0,034$ ;  $0,051 \times 0,035$ ;  $0,053 \times 0,039$ ;  
 $0,054 \times 0,039$ ;  $0,055 \times 0,040$ ;  $0,055 \times 0,047$ ;  $0,056 \times 0,046$ .

Do verbete que lhes corresponde na catalogação antiga consta que foram encontradas em sepulturas da Índia.

Possui, pois, esse Museu oito exemplares daquelas curiosas jóias que tão apreciadas são nas colecções de alguns museus nacionais e estrangeiros.

A origem e a antiguidade das contas deste tipo são problemas que têm provocado o interesse dos arqueólogos de diversos países, pois elas têm sido encontradas no Egipto, em Corfú, no Norte de África, na Itália, em Portugal, na Jutlândia, na Escandinávia, na América do Norte, no México, no Brasil, e,



*Contas vitreas multicolores do Museu da Soc. de Geografia de Lisboa*

sabemos agora que também na Índia, mas a sua uniformidade pode justificar a atribuição de uma origem comum.

Como escreveu o falecido arqueólogo Dr. Félix Alves Pereira, a dificuldade de datar estas contas «provem de se ignorarem quase sempre as condições do seu aparecimento e o extracto arqueológico em que foram encontradas» (1).

O seu achado nos países do Norte da Europa atribuem-no alguns arqueólogos aos negociantes que, em tempos muito recuados, as levavam do Egipto pela «estrada terrestre para o Mediterrâneo calcorreada já nos tempos pré-históricos» (2), e mais tarde teriam dali sido espalhadas pelas costas atlânticas.

Sabemos, e lembra-nos o mesmo autor, que na Primavera de 1108, cruzados da Noruega capitaneados por Sigurd, filho do Rei Magnus, *o das pernas nuas* (3), na sua passagem para a Terra Santa, desembarcaram nalguns pontos da Península Hispânica e atacaram certas povoações de moiros, como Sintra cujo castelo tomaram, dirigindo-se depois para Lisboa que lhes resistiu, mas cujos arredores foram saqueados (4); e faz notar que tais contas em Portugal têm aparecido nalguns povoados ribeirinhos, como Ponte de Lima, Chelas, Setúbal, Sines, Estômbar, etc.

Quanto ao seu achado nas Américas em sepulturas pré-colombianas, atribuem-no certos investigadores às expedições dos normandos no século xi a essas distantes paragens. Para as encontradas em velhos túmulos indianos podemos admitir que para ali fossem conduzidas pelas caravanas comerciais saídas do Egipto, posta de parte, pela antiguidade daqueles túmulos, a hipótese de terem sido levadas por via marítima posteriormente ao século xv.

---

(1) F. Alves Pereira, *Contas policrómicas de pasta vítrea*, in «Portucale», vol. 6.º pág. 24.

(2) Idem, id.

(3) Dozy citado por Castilho in *Lisboa Antiga*, P. 2.ª tom. II, cap. VI, pág. 50. (Ed. 1884).

(4) Idem.

É curioso que em todos os exemplares conhecidos as figuras estelares têm o mesmo número de raios.

O que significará a constância desse número que, evidentemente, não é casual?

A coloração de todas essas contas é a mesma e a sua forma semelhante, se bem que entre as do Museu da Sociedade de Geografia haja uma semi-esférica e em que a estrela menor é azulada e não verde como nas restantes.

No Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos guardam-se bastantes contas deste tipo, provenientes de Chelas e de Marvila, mas, pelas suas menores dimensões, maior perfeição, e pelo seu brilho, julgo-as das que no século xv eram fabricadas perto de Venesa (1), de onde irradiaram para diversos pontos.

Mais tarde no nosso País muitas foram aplicadas nos embrechados de velhos jardins dos arredores lisboenses.

No Museu do Porto, no da Sociedade Martins Sarmento e no dos Serviços Geológicos, há também dessas contas.

Das antigas temos notícia de umas quinze no Museu Britânico, uma no de Cantuária, duas no de Copenhaga, e uma em Madagáscar (2). Na América do Norte consta que há umas dez, e no Museu Nacional do Rio de Janeiro vi uma de que dei notícia ao Dr. Alves Pereira, e vem mencionada na *Guia das Coleções de Arqueologia Clássica*, organizada pelo egiptólogo Snr. A. Childe.

---

(1) Alves Pereira, obr. cit.

(2) Informação do Prof. Mendes Correia.